

O Globo – 19/10/2007

Coluna: Negócios & Cia

Caminho de volta

A perspectiva de escassez de eletricidade na virada da década e a elevação dos preços nos leilões de energia começam a tirar o entusiasmo dos grandes consumidores pelo mercado livre, para o qual migraram a partir de 2002. Grandes distribuidoras, que formam o chamado mercado cativo, nos últimos meses vêm sendo procuradas por antigos clientes, em busca de garantia de fornecimento para contratos a partir de 2010. O movimento envolve, principalmente, empresas que deixaram as distribuidoras de 2004 em diante e firmaram contratos de até seis anos.

Trata-se do grupo que consome uma quantidade de energia próxima no piso do mercado livre (3MW) e que, por saírem tardiamente do mercado cativo, firmaram acordos curtos e com preços não tão atraentes, explica Paulo Mayon, presidente da Anace, uma das entidades que reúne grandes consumidores.

Maurício Tolmasquim, presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), diz que o equilíbrio de preços entre os dois mercados alimenta a disputa entre custo e segurança:

- A distribuidora oferece uma série de garantias. Às vezes, a diferença de preços é tão pequena que o consumidor pode preferir pagar mais e ter mais de segurança. É razoável supor que algumas empresas queiram voltar ao mercado cativo.

Luiz Carlos Guimarães, presidente da Abradee, que representa as distribuidoras, diz que só há como atender à demanda adicional, em contratos para, pelo menos, três anos à frente. Antes disso, diz, só é possível atender se houver sobra de energia. **Claudio Sales**, do **Instituto Acende Brasil**, diz que o mercado livre é mais sensível aos sinais de desequilíbrio entre oferta e demanda:

- Há indícios de instabilidade no atraso de grandes projetos de geração, na alta dos preços nos leilões e nos problemas com o abastecimento de gás. Isso acende o sinal de alerta e alimenta a volta ao mercado cativo.